

ENS A I O

Augusto Comte
A POSITIVIDADE FILOSÓFICA
COMO *QUARTO* ESTÁGIO
INTELECTUAL

GUSTAVO BISCAIA DE LACERDA
Universidade Federal do Paraná
Curitiba | Paraná | Brasil
gblacerda@ufpr.br
orcid.org/0000-0002-2798-9248

O presente ensaio apresenta a tradução de duas cartas do fundador do Positivismo, Augusto Comte, a seu discípulo, o médico e neurocientista Jorge Audiffrent, nas quais apresenta a concepção de que a positividade final constituiu-se em um quarto estado; esse quarto estado é filosófico e sintético, marcado pela utilidade, para além da mera cientificidade, marcada pela realidade e de aspecto analítico. Além de abordarem outros temas (como uma missão religiosa positivista junto ao Geral dos Jesuítas e a avaliação da situação marital de um outro discípulo positivista), essas cartas são importantes justamente porque modificam o enunciado mais conhecido da “lei dos três estados”, ampliando-o para *quatro* estados. Previamente à tradução dessas cartas há uma apresentação que explica aspectos do Positivismo indicados nas cartas, além de contextualizar e justificar aspectos da própria tradução.

Augusto Comte – Positivismo – Lei dos Três Estados

APRESENTAÇÃO

Quando se fala de Augusto Comte nos dias de hoje, mesmo e apesar dos nossos tempos de sobrecarga informacional, vem à mente pouco mais ou nada além de referências genéricas à “lei dos três estados”, que é apresentada de maneira simplista, estática e como se resumisse toda a elaboração teórica do fundador da Sociologia. Tanto em exposições populares quanto em exposições doutorais, a enumeração mecânica dos três estados (teológico, metafísico e positivo) substitui a exposição e a reflexão cuidadosa sobre a natureza humana, sobre o papel da ciência (e da religião) na existência humana, sobre o que é cientificidade, sobre as ciências humanas e sobre as relações entre ciências humanas e ciências naturais; além disso, também substitui a exposição e a reflexão sobre os elementos específicos da Sociologia comtiana, com a Estática e a Dinâmica sociais, ou seja, seguindo a terminologia de Saussure baseada em Comte e depois adotada por Lévi-Strauss, com os aspectos sincrônicos e os diacrônicos. Não é que não haja exposições filosóficas e sociológicas competentes da obra de Comte;¹ o que ocorre é que essas exposições são relativamente raras, havendo uma preferência geral pelas narrativas que, equivocadamente, concedem importância maior à metafísica (seja a conservadora, de índole espiritualista ou idealista, seja a revolucionária, de índole materialista) e à satisfação de uma vaidade intelectual específica das ciências humanas.²

Entretanto, nem a obra de Augusto Comte reduz-se ou limita-se à lei dos três estados, nem essa concepção foi entendida de maneira estática por esse autor. Em outras palavras, embora sem dúvida nenhuma a lei dos três estados seja uma concepção fundamental do Positivismo, com frequência ela é mais um pressuposto teórico orientando as reflexões que propriamente o centro da obra, cuja preocupação está em desenvolver um entendimento amplo da realidade em termos humanos (ou seja, não sobrenaturais) e, a partir daí, indicar se e de que maneira são possíveis o entendimento da realidade e a ação

¹ Podemos citar aí, em português, os livros de Moraes Filho (1989), Aron (1999), Lacroix (2003), Fedi (2008), Lacerda (2019) e, parcialmente, Heilbron (2022). Além desses, há também a enorme produção da Igreja Positivista do Brasil, que, entretanto, é habitualmente ignorada pela academia (cf. Lacerda 2018).

² Assim como Augusto Comte não cessava de criticar o imperialismo intelectual e acadêmico das ciências naturais (por ex., Comte 1893, v. VI, Prefácio Pessoal; 1829, v. I, cap. 1-3) – fosse de umas em relação às outras, fosse delas em relação à Sociologia –, em que as ciências inferiores negam a dignidade e a autonomia das ciências superiores, temos nós, após a obra comtiana, que criticar também a perspectiva inversa, em que as ciências superiores pretendem-se separadas, ou melhor, isoladas, ilhadas das ciências inferiores, a partir da metafísica idealista. A incompreensão das relações mútuas que há entre as ciências inferiores e as ciências superiores é assim reforçada e justificada, do lado das ciências humanas, pela afirmação e pela satisfação da vaidade intelectual inspirada pelo fato de que as ciências superiores são *superiores*, entre outros motivos, porque se referem diretamente ao ser humano. Johan Heilbron (1991; 2022) tem buscado, até certo ponto, restabelecer o equilíbrio indicado por A. Comte, contra os imperialismos intelectuais *bottom-up* ou *upside-down*.

Entretanto, não é difícil constatar que a metafísica idealista encontra larga aceitação; para ficarmos com alguns exemplos dos últimos 15 anos, nas coletâneas de Botelho e Schwarcz (2009), Botelho (2013) e Castro (2014) não há nenhuma referência nem aos positivistas nem a Comte, embora sobre textos de autores metafísicos e referências a eles. Em trilha semelhante vai Cano (2012), que, sem propriamente desprezar a noção de cientificidade nas ciências humanas, é breve e raso a respeito dessa perspectiva, embora aprofunde-se longamente na metafísica idealista neokantiana própria a Weber. Uma exceção bastante parcial dessa abordagem é Elias (2018).

prática. Além disso, embora o entendimento comum da lei dos três estados oriente-a para o intelectualismo objetivista, o fato é que basta uma reflexão um pouco mais cuidadosa para perceber-se que, ao contrário, ela indica a evolução de princípios *interpretativos*, ou seja, *subjetivos* do ser humano (o que, adicionalmente, põe por terra o esquema consagrado pelos neokantianos de uma oposição dura e intransponível entre a “explicação” e a “interpretação”).

Dito isso, vale notar que a lei dos três estados não consiste em apenas uma única lei, mas que Augusto Comte propôs três delas, uma para a inteligência (a mais famosa), uma para a atividade prática e outra para os sentimentos.³ Essas várias leis integram o conjunto da “Filosofia Primeira”, isto é, aos grandes princípios teóricos e empíricos, estático e dinâmico, que correspondem em grandes traços à epistemologia positivista; em particular, as leis dos três estados integram o “segundo grupo, essencialmente subjetivo” e, nele, a “2ª série: leis dinâmicas do entendimento”. Os seus enunciados são estes (Comte 1934, 479):

1ª Cada entendimento oferece a sucessão dos três estados, fictício, abstrato e positivo, em relação às nossas concepções quaisquer, mas com uma velocidade proporcional à generalidade dos fenômenos correspondentes (VII).

2ª A atividade é primeiro conquistadora, em seguida defensiva e enfim industrial (VIII).

3ª A sociabilidade é primeiro doméstica, em seguida cívica e enfim universal, segundo a natureza peculiar a cada um dos três instintos simpáticos [apego, veneração e bondade] (IX).

No que se refere especificamente à lei intelectual dos três estados, como sugerimos acima, Augusto Comte não adotou um entendimento fixo, ou melhor, estático dela: desde o início de sua carreira, até suas reflexões mais avançadas (interrompidas por sua morte, em 1857), na *Síntese subjetiva* (*Synthèse subjective*), de 1856, e na sua vasta correspondência, há alterações, ou melhor, há avanços e aprofundamentos na formulação e no entendimento das consequências desse princípio histórico-sociológico.⁴ Hernani Gomes da Costa (2024; grifos no original) sintetizou com brilhantismo esse processo:

Em sua primeira fase, mais objetiva, Augusto Comte havia formulado a lei dos três estados a partir das produções exteriores da Humanidade. Ela é então uma apresentação eminentemente histórica e empírica. A teologia, a metafísica e a ciência são aí oferecidas como sinais empíricos reveladores dessa passagem íntima.

Na segunda de suas fases, progressivamente subjetiva, a formulação de Augusto Comte enuncia a mesma lei considerando antes o caráter interno de cada estado, ou seja, o caráter lógico inerente de cada um deles. Então se tratou de revelar o caráter fictício das construções da teologia, o caráter abstrato das especulações metafísicas e o caráter positivo das leis da ciência.

³ De modo complementar à lei dos três estados intelectuais, há também a lei da classificação das ciências, que atua, por um lado, como uma exposição do princípio de classificação (generalidade decrescente, particularidade crescente) e, por outro lado, tanto como um caso particular quanto uma ilustração dos princípios de classificação e da lei dos três estados intelectuais. Cf. Comte (1893, v. I, lição 1).

⁴ O sociólogo inglês Mike Gane (2006) também se dedicou ao exame das várias formulações da lei intelectual dos três estados. O seu esforço tem o grande mérito de consistir em uma revisão cuidadosa da obra de Comte; entretanto, falta-lhe a bela concisão sintética exposta por Hernani Costa.

A morte privou Augusto Comte de uma terceira formulação da lei da evolução intelectual, na qual o conjunto do Positivismo já pudesse ser apresentado como livre dos últimos vestígios do cientificismo, o que já havia ocorrido a partir do quarto volume da Política positiva, de 1854, com a teoria subjetiva dos números, com a incorporação do fetichismo etc.

A primeira formulação indicada por Costa, acima, é a exposta no “opúsculo fundamental” intitulado *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade* (*Plan des travaux scientifiques nécessaires pour reorganiser la société*), de abril de 1822 (com reedição aumentada em abril de 1824), no qual, aliás, Comte ao mesmo tempo funda a Sociologia e o Positivismo. A segunda formulação começa já a aparecer no *Sistema de filosofia positiva* (*Système de philosophie positive*),⁵ publicado entre 1830 e 1842, mas torna-se evidente nas obras da chamada “fase religiosa” do pensador, como no *Discurso sobre o conjunto do Positivismo* (*Discours sur l'ensemble du Positivisme*, de 1848, com republicação levemente modificada em 1851), no *Sistema de política positiva* (*Système de politique positive*, de 1851-1854) e no *Catecismo positivista* (*Catéchisme positiviste*, de 1852).

Pois bem: a terceira fase interpretativa da lei dos três estados corresponde ao desenvolvimento extremo e superior da carreira de Comte, justamente a fase que foi interrompida pela sua morte, em 5 de setembro de 1857. Entretanto, embora o fundador da Sociologia não tenha conseguido desenvolver extensamente essa nova concepção em tratados filosófico-sociológicos, o fato é que ele a apresentou previamente em diversas comunicações privadas, tanto na forma puramente oral quanto na forma epistolar. Em particular, esses novos sentidos foram expostos em duas cartas escritas por Augusto Comte ao seu discípulo marselhês, o médico e neurocientista Jorge Audiffrent, em fevereiro e março de 1857. Essas cartas foram parcialmente publicadas pelo próprio Audiffrent em 1880 (no livro *Le Positivisme des derniers temps*) e, a partir disso, parcialmente traduzidas por Raimundo Teixeira Mendes em seu enorme *As últimas concepções de Augusto Comte*, de 1898; a partir do trabalho do embaixador brasileiro Paulo Carneiro, do sociólogo francês Pierre Arnaud e da filósofa francesa Angèle Kremer-Marietti, reconstituiu-se a correspondência de Augusto Comte e republicou-se a em ordem cronológica: dessa nova edição é que nos servimos para as presentes traduções.

Essas cartas, na medida em que são cartas, apresentam o duplo aspecto de serem (1) conversas filosóficas com (2) observações e reflexões pessoais. Ao contrário da filosofia política liberal e antecipando em bem mais de um século as observações feministas, para Augusto Comte não é possível separar com rigidez o público do privado: essas cartas, então, conjugam de fato desenvolvimentos teóricos, apresentados em germe, com exames públicos de situações particulares. Os vários temas abordados nessas cartas, por si sós, já valem grandes desenvolvimentos; mas, concentrando-nos apenas na lei dos três estados, o que se vê é a franca ultrapassagem do intelectualismo e do particularismo próprios tanto à ciência quanto à academia, em favor de perspectivas mais amplas e sintéticas. Esse aspecto sintético, para além do seu caráter necessariamente intelectual, abrange também os elementos afetivos do

⁵ Como essa obra consistiu inicialmente na publicação escrita de um curso oral, ela foi publicada originalmente como *Curso de filosofia positiva* (*Cours de philosophie positive*); entretanto, pelo menos desde 1848 o seu autor indicava que ela deveria ser renomeada para “sistema” em vez de “curso” (Comte 1907, 2).

ser humano, de tal sorte que a síntese filosófica proposta incorpora não somente a ciência como também as artes (isto é, as belas-artes). De maneira mais profunda, a transição afirmada por Augusto Comte não se dá somente da *teologia* para a *positividade* (passando pela metafísica), mas vai do *absolutismo* para o *relativismo*, em que no primeiro termo reúnem-se a teologia e a metafísica e, por vezes (e mesmo com freqüência!), a própria ciência: a positividade, então, ainda que exija como preliminar as concepções próprias à ciência, é muito superior e é distinta da mera ciência, na medida em que afirma a visão de conjunto contra os particularismos, o relativismo contra o absolutismo, o objetivismo-*cum*-relativismo contra o objetivismo ou o subjetivismo exclusivistas. Não se vêem aí afirmadas pelo próprio fundador do Positivismo muitas das críticas dirigidas contra o chamado “positivismo”?

Antes de passarmos diretamente às cartas, alguns esclarecimentos gerais são necessários para além das explicações feitas ao longo das traduções. Começemos por um aspecto que facilmente gera confusão: para Comte, “religião” e “teologia” são coisas diferentes. Embora certamente entre o início da carreira e parte da maturidade Augusto Comte tomasse essas duas palavras como sinônimas, na fase propriamente religiosa de sua carreira o fundador do Positivismo adotou uma outra perspectiva, em que a teologia é uma forma de entender a realidade por meio do apelo a vontades supostamente objetivas e externas aos objetos, enquanto a religião é a busca da unidade humana, ao mesmo tempo individual e coletiva, moral, intelectual e prática. Nesses termos, podemos determinar várias religiões, das quais muitas são teológicas (os politeísmos, os monoteísmos), outras são metafísicas (os panteísmos, o budismo, o marxismo) e outra é positiva (a Religião da Humanidade). A importância do tema vale a extensa citação (Comte 1934, 42-43; grifos no original):

Em si mesmo, este vocábulo [religião] indica o estado de completa unidade que distingue nossa existência, a um tempo pessoal e social, quando todas as suas partes, tanto morais como físicas, convergem habitualmente para um destino comum. Assim, este termo seria equivalente à palavra síntese, se esta não estivesse, não por sua própria estrutura, mas segundo um uso quase universal, limitada agora ao só domínio do espírito, ao passo que a outra [palavra, i. e., religião] compreende o conjunto dos atributos humanos. A religião consiste, pois, em regular cada natureza individual e em congregar todas as individualidades; o que constitui apenas dois casos distintos de um problema único. Porquanto todo homem difere sucessivamente de si mesmo tanto quanto difere simultaneamente dos outros; de maneira que a fixidez e a comunidade seguem leis idênticas.

Outro elemento que deve ser esclarecido, o calendário positivista: ele foi proposto inicialmente em 1849, publicado em sucessivas versões até 1852 mas aperfeiçoado por Augusto Comte até seu falecimento, em 1857 (Cf. Robinet 1891, 448), como uma forma de, ao mesmo tempo, (1) homenagear os principais agentes da evolução humana, (2) indicar o progresso histórico e social da Humanidade e (3) permitir o culto positivista na vida cotidiana – além, evidentemente, de (4) marcar a passagem do tempo⁶. O calendário

⁶ A bem da verdade, há *dois* calendários positivistas. Ambos têm por objetivo o culto histórico, sociolátrico, mas um deles é especificamente cultural (é o calendário abstrato) e o outro é tanto cultural quanto mais evidentemente “cronológico” (é o calendário concreto). As

positivista é organizado em 13 meses, cada mês com quatro semanas, cada semana com sete dias; cada semana inicia-se na segunda-feira (em francês: *lunedie*) e encerra-se no domingo (*dimanche*). Em 1848 Augusto Comte estabeleceu inicialmente que a contagem dos anos tomaria como parâmetro inicial a eclosão da Revolução Francesa (1789, no calendário corrente no Ocidente), indicando o tempo decorrido desde o início da “anarquia ocidental”; em 1854, ele adotou um novo critério, a inauguração formal da Religião da Humanidade, após o término da redação do *Sistema de política positiva* (cujo subtítulo é esclarecedor: “tratado de Sociologia fundando a Religião da Humanidade”); essa nova datação toma justamente 1855 como o ano 1 da era normal. Cada um dos 13 meses é dedicado a um grande aspecto da evolução humana, em ordem cronológica, ou melhor, histórico-sociológica;⁷ cada semana corresponde a um aspecto específico de cada mês, sendo chefiada por um tipo específico, alocado no domingo;⁸ cada dia corresponde, por sua vez, a uma figura importante no aspecto evidenciado em cada semana.⁹ Um dia adicional, neutro, completa o ano, dedicado ao culto aos mortos; nos anos bissextos inclui-se mais um dia adicional, também neutro, dedicado ao culto das Mulheres Santas.

Entrando em alguns detalhes das cartas: as reuniões noturnas hebdomadárias (isto é, semanais) a que se refere Comte eram reuniões da *Sociedade Positivista*. Essa associação foi criada pelo filósofo em 1848, logo após a eclosão da Revolução de 1848, considerando o ambiente político, social e intelectual que resultou nela, mas, de qualquer maneira, independentemente dela. A Sociedade Positivista foi criada com múltiplos objetivos: além de evidentemente reunir os positivistas, também buscava discutir questões filosóficas, científicas, históricas e políticas. As reuniões semanais ocorriam nas noites de quarta-feira, no apartamento do filósofo, situado na rua Monsieur-le-Prince, n. 10. A Sociedade Positivista não era um clube literário; seu modelo era mais próximo dos “clubes” políticos que se multiplicaram nos primeiros anos da Revolução Francesa, como o Clube dos Jacobinos e o Clube dos *Cordeliers*; assim, o manifesto de fundação da Sociedade foi ao mesmo tempo político, filosófico, histórico-sociológico e moral e, ao longo do ano de 1848, a

datações indicadas por Augusto Comte nas cartas abaixo referem-se ao calendário concreto – que, ademais, é o mais conhecido. Cf. Comte (1934, 148, 156, 396, 477, 493).

⁷ Os meses e os respectivos aspectos são estes: Moisés: as teocracias iniciais; Homero: a poesia antiga; Aristóteles: a filosofia antiga; Arquimedes: a ciência antiga; César: a civilização militar; São Paulo: o catolicismo; Carlos Magno: a civilização feudal; Dante: a epopéia moderna; Gutenberg: a indústria moderna; Shakespeare: o drama moderno; Descartes: a filosofia moderna; Frederico: a política moderna; Bichat: a ciência moderna.

Evidentemente, como o próprio Comte indicava, esse calendário, no formato em que se encontra, é específico para o público ocidental e deveria, como deve, ser posteriormente ampliado para o conjunto da humanidade, com a incorporação de tipos de outras civilizações.

⁸ Alguns exemplos: no quinto mês, de César (dedicado à política antiga), as semanas são chefiadas por Temístocles (a resistência grega à dominação persa), Alexandre (os esforços para unificação da Grécia e a posterior difusão da cultura grega), Cipião (a república romana) e Trajano (o império romano progressista); ou, no sexto mês, de São Paulo, as semanas são chefiadas por Santo Agostinho (a constituição do dogma católico), Hildebrando (a afirmação social e política do poder Espiritual do papado), São Bernardo (as ordens monásticas) e Bossuet (a decadência católica).

⁹ Alguns exemplos: na semana de Alexandre, no mês de César, os tipos são Péricles, Felipe II, Demóstenes, Ptolomeu Lago, Filopêmen, Políbio e o próprio Alexandre Magno; os tipos da semana de Cipião são Júnio Bruto, Camilo, Fabrício (com Régulo como adjunto), Aníbal, Paulo Emílio, Mário (com os irmãos Gracos como adjuntos), além do próprio Cipião Africano.

Sociedade publicou diversos relatórios sobre temas sociais urgentes, como o ensino público e popular e a questão do trabalho.¹⁰

Sobre a correspondência de Augusto Comte: desde jovem o pensador manteve intensa correspondência, em particular desde que, em 1814, aos 16 anos, passou em primeiro lugar no concurso de seleção para a Escola Politécnica e saiu de sua Mompilher natal, no Sul da França, para estudar em Paris. Essa correspondência era dirigida inicialmente a seus pais e amigos e, à medida que o tempo passava, também a colegas, a associados, a alunos, pesquisadores e autoridades, bem como a familiares e a discípulos – e a Clotilde de Vaux –; o objetivo dessa correspondência era informar, manter as relações, fazer solicitações, trocar idéias, fazer confidências, instruir e orientar. Em uma palavra, essa correspondência era o canal preferencial de comunicação – na verdade, o único então existente. Vivendo longe da família, em virtude de suas atividades profissionais e escolhas filosóficas, a vida de Augusto Comte era bastante solitária; assim, na medida em que sua correspondência era a forma como ele conectava-se de fato com a vida social, acaba sendo bastante natural que, em uma época em que as missivas eram normais, a correspondência do filósofo fosse bastante grande e que, à medida que sua obra desenvolvia-se e amadurecia, a quantidade de cartas aumentasse cada vez mais. Isso se verificou em particular no ano de 1845 a 1846 e, depois, após 1848 até sua morte, em 1857: o primeiro período foi o “ano sem par”, durante o qual Augusto Comte descobriu-se apaixonado por Clotilde de Vaux e com quem manteve uma grande e bela correspondência; o segundo período corresponde à constituição e aos anos iniciais da Religião da Humanidade.

Essa correspondência assume um caráter ao mesmo tempo privado e público; por um lado, foram escritas para comunicação basicamente entre pares de pessoas e, posteriormente, foram publicadas (ou seja, foram tornadas públicas); por outro lado, o que importa notar é que – com a possível exceção dos seus anos de adolescência e da sua fase de adulto jovem – Augusto Comte escrevia pensando que suas cartas poderiam (e talvez até *deveriam*) ser em algum momento publicadas. Essa clareza do caráter eventualmente público de seu epistolário foi tornando-se cada vez mais claro à medida que o projeto filosófico, político e religioso de Augusto Comte amadurecia: as cartas tinham, portanto, um caráter *pedagógico*, mesmo apostólico. A consciência de tal fato não implicava, da parte de Comte, nenhuma arrogância; as missivas como documentos ao mesmo tempo privados e públicos eram uma prática comum na época e desde muito antes: não somente havia muitos e muitos exemplos históricos e literários – pensemos nas cartas de São Paulo e no romance *A princesa de Clèves* – como também é possível ler, no começo da tradução abaixo,

¹⁰ Nesse sentido, entre outros, foram publicados pela Sociedade Positivista os seguintes documentos: (1) “Associação livre para a instrução positiva do povo em todo o Ocidente europeu” (25.2.1848), (2) “O fundador da Sociedade Positivista a quem desejar incorporar-se a ela” (8.3.1848), (3) “Projeto de petição política à Assembléia Nacional Constituinte, pelo Presidente da Sociedade Positivista” (1.4.1848), (4) “Relatório à Sociedade Positivista pela comissão encarregada de examinar a questão do trabalho” (24.5.1848), (5) “Apelo ao público ocidental” (9.7.1848), (6) “Relatório à Sociedade Positivista pela comissão encarregada de examinar a natureza e o plano do novo governo revolucionário” (9.8.1848).

Esses seis documentos, além de outros, aparecem como anexos no volume IV da correspondência de Augusto Comte organizada por Paulo Carneiro e Pierre Arnaud (1981). Os documentos de números 1, 2 e 4 foram republicados anteriormente também no volume organizado pelo positivista brasileiro e pesquisador da Organização Internacional do Trabalho Rodolfo Paula Lopes, “Augusto Comte – o proletariado na sociedade moderna” (*Auguste Comte – le prolétariat dans la société moderne*) (Paula Lopes 1946).

a indicação de que Comte lera para a Sociedade Positivista uma carta que seu discípulo marselhês Jorge Audiffrent escrevera-lhe alguns dias antes. Além disso, Comte percebia que sua conduta pessoal, mesmo íntima, seria, e deveria ser vista como parâmetro de correção ou não do Positivismo e, mais do que isso, da Religião da Humanidade (ou seja, que ele mesmo deveria ter um comportamento exemplar). Finalmente, a noção de que mesmo a vida privada tem um aspecto público integra a doutrina positivista, como se percebe na fórmula “Viver às claras”.¹¹ Nesse sentido, ele publicou em vida, como anexos de seus volumes filosóficos, diversas cartas enviadas por ele a discípulos, a governantes, ao público em geral, ou recebidas por ele e enviadas por discípulos, por simpatizantes, às vezes mesmo por adversários respeitosos.¹² Da mesma forma, em seu *Testamento*, Comte incluiu a sua imensa correspondência com Clotilde (em um total de 181 cartas), para ser publicada após sua morte.¹³

Tão logo Augusto Comte faleceu, iniciou-se um trabalho cuidadoso dos positivistas no sentido de reunir, conservar e publicar o seu epistolário. Os papéis foram sendo guardados no antigo apartamento do filósofo, sede da Sociedade Positivista e residência da filha adotiva de Comte, sua ex-governanta, Sofia Bliaux Thomas e sua família; ao mesmo tempo, essas missivas foram sendo publicadas, às vezes em pequenas quantidades (por exemplo, na *Revista Ocidental*, órgão criado por Pierre Laffitte por volta de 1870), às vezes em quantidades maiores, em volumes intitulados justamente de *Cartas* – a diversos, a Stuart Mill, ao dr. Audiffrent etc. Pois bem: no século XX, o químico e positivista brasileiro Paulo Carneiro foi estudar em Paris, onde passou a freqüentar a Casa de Augusto Comte; lá teve acesso aos manuscritos das cartas e passou a organizá-las. Ao mesmo tempo, Paulo Carneiro criou a coleção dos “Arquivos positivistas”, de que o volume organizado por Rodolfo Paula Lopes (1946) foi um belo exemplo. Por volta de 1970, a Casa de Augusto Comte, em parceria com a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (*École des Hautes Études en Sciences Sociales*), passou a publicar essa correspondência em ordem

¹¹ Explicando essa fórmula no capítulo dedicado ao regime privado, isto é, à vida privada (“Décima conferência” do *Catecismo positivista*), Augusto Comte nota que todos devem “viver às claras”, o que significa que todos devem agir conforme parâmetros e seguindo motivos que sejam sempre publicamente justificáveis e aceitáveis. Mais do que isso: para o comum das pessoas, esse “publicamente aceitável” corresponde à família e aos amigos mais próximos; mas para as pessoas de destaque e para quem ocupa posições relevantes, a vida privada deve também estar sob escrutínio público (Comte 1936, 354-355) – dentro do quadro do republicanismo e no que atualmente é conhecido por *accountability*.

¹² Alguns exemplos: como anexos do “Prefácio” do v. II do *Sistema de política positiva* (1852), Comte reproduziu uma carta dirigida a “J. M’Clintock, editor da *Revista Metodista*, em Nova Iorque” (7. Homero.64/4.2.1852) e uma carta dirigida a “Vieillard, Senador da República Francesa” (3. Aristóteles.64/28.2.1852). Já como anexos do “Prefácio” do v. III do *Sistema de política positiva* (1853), Comte reproduziu uma carta dirigida a “Sua Majestade, o tzar Nicolau, em São Petersburgo” (19. Bichat.64/20.12.1852) e uma carta dirigida a “Sua Excelência Rachid Paxá, antigo grão-vizir do Império Otomano” (7. Homero.65/4.2.1853).

¹³ Essa correspondência foi traduzida e publicada na íntegra pela Igreja Positivista do Brasil, bem como em excertos para reflexão íntima. A correspondência completa está inserida no belo volume intitulado *O ano sem par*, organizado e escrito por Raimundo Teixeira Mendes, que incluiu um impressionante estudo sobre a teoria da alma elaborada por Augusto Comte, bem como uma narrativa expositiva e contextualizadora para as cartas trocadas entre o filósofo e Clotilde (Teixeira Mendes 1900). Por fim, mais recentemente houve uma nova edição em francês dessa correspondência, organizada por Arnaud Guigue (2021); com uma breve, mas simpática introdução, esse volume essencialmente se limita a reproduzir o epistolário Comte-Clotilde.

cronológica, em belos volumes precedidos por interessantes prefácios e sucedidos por inúmeros anexos. Sem esgotar as cartas inéditas (muitas das quais, inevitavelmente, chegaram às mãos dos organizadores após as publicações dos volumes), essa coleção chegou a 1990 ao seu oitavo volume, compreendendo, todavia, o conjunto da vida e da correspondência de Comte. É dessa coleção que partimos para realizar as traduções abaixo.

Como indicamos antes, as cartas que traduzimos abaixo não são pela primeira vez traduzidas para o português; sendo mais específicos, *trechos* delas já foram traduzidos anteriormente – por Teixeira Mendes, que as inseriu em uma reflexão geral sobre a positividade, no impressionante *As últimas concepções de Augusto Comte*, volume em que apresenta as concepções positivistas desenvolvidas por Augusto Comte entre a publicação do *Catecismo positivista*, em 1852, e a morte do fundador da Sociologia, em 1857 (Teixeira Mendes 1898, 284-285). Embora a nossa tradução dessas cartas seja a primeira a ocorrer na íntegra, o seu ineditismo, para nós, é realmente secundário; o que importa é que possamos dar acesso ao grande público a esses documentos. Além disso, cumpre notar que os objetivos nossos e os de Teixeira Mendes são um pouco diferentes: enquanto o criador da bandeira nacional republicana estava preocupado em inserir uma importantíssima reflexão no curso de uma discussão mais ampla – limitando-se, então, aos trechos que mais diretamente lhe interessavam, consistindo respectivamente de *dois* e *um* parágrafos –, o que procuramos fazer aqui é apresentar a íntegra desses documentos (que têm, respectivamente, *sete* e *18* parágrafos). Por fim, sem deixar de lado nossa autonomia na tradução, é claro que usamos a tradução preliminar de Teixeira Mendes para cotejo.

Finalmente, uma particularidade da tradução. No francês, ao contrário do português comumente praticado no Brasil, ainda se usam as segundas pessoas para as conversas, ou seja, o “tu” e principalmente o “vós”; esses dois pronomes não são usados apenas para indicar a quantas pessoas o autor da frase fala (uma ou várias), mas, mais importante, para estabelecer distâncias sociais. Assim, o “tu” pressupõe e evidencia a intimidade e, importa notar, o uso desse pronome via de regra tem que ser explicitamente autorizado; dessa forma, o “vós” é o pronome de uso ordinário, em que de fato há uma distância entre os falantes, quer seja uma distância horizontal, quer seja uma distância vertical, de sorte que ele evidencia uma certa formalidade e também indica respeito. Adicionalmente, como Augusto Comte foi um pensador que viveu no século XIX, essas relações sociais eram mais evidentes e importantes. No Brasil o pronome de tratamento “você”, na terceira pessoa, é de uso corriqueiro e pressupõe não exatamente intimidade, mas, com certeza, informalidade; em oposição, aqui e agora a formalidade e o respeito são indicados pela expressão “o senhor” (ou “a senhora”), também conjugado na terceira pessoa. Para manter essa característica específica da língua e da cultura francesas e para evitar uma versão brasileira que se aproximaria do artificialismo, preferimos usar o “vós” ao traduzir o francês “vous”.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- AUDIFFRENT, Georges. *Le Positivisme des derniers temps*. Discours lus à la rue Jacob. Paris: Société Positiviste, 1880. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6106554k.texteImage>. Acesso: 16 jun. 2024.
- BOTELHO, André (Org.). *Essencial Sociologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lília (Org.). *Um enigma chamado Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CANO, Ignacio. Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das Ciências Sociais no Brasil. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 14, n. 31, p. 94-119, 2012.
- CARNEIRO, Paulo E. B.; ARNAUD, Pierre (Org.). *Auguste Comte – Correspondance générale et confessions*. T. IV: 1846-1848. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1981.
- CARNEIRO, Paulo E. B.; KREMER-MARIETTI, Angèle (Org.). *Auguste Comte – Correspondance générale et confessions*. T. VIII: 1855-1857. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990.
- CASTRO, Celso (Org.). *Textos básicos de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- COMTE, Auguste. *Cours de philosophie positive*. 6 v. 5. ed. Paris: Société Positiviste, 1893.
- COMTE, Auguste. *Discours sur l'ensemble du Positivisme*. Paris: Société Positiviste Internationale, 1907. Disponível em: <https://archive.org/details/bnf-bpt6k56856891/page/n25/mode/2up>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- COMTE, Auguste. *Système de politique positive, ou traité de sociologie instituant la religion de l'Humanité*. 4 v. 5. ed. Paris: Larousse, 1929.
- COMTE, Augusto. *Catecismo positivista, ou sumária exposição da religião universal*. 4. ed. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1934.
- COSTA, Hernani G. Comentários. In: *Síntese subjetiva e relativa como quarto estado*. 11 jun. 2024. Disponível em: <https://filosofiasocialepositivismo.blogspot.com/2024/06/sintese-subjetiva-e-relativa-como.html>. Acesso em: 19 ago.2024.
- CTHS. *Société positiviste ou Société positiviste de Paris (SP)*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques, 2024. Disponível em: https://www.cths.fr/an/societe.php?id=100754&proso=y&soc_liees=#L. Acesso em: 21 jun. 2024.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ed. 70, 2018.
- FEDI, Laurent. *Comte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.
- GANE, Mike. *Auguste Comte*. London: Routledge, 2006.
- GUIGUE, Arnaud. *Auguste Comte – correspondance avec Clotilde de Vaux. Le temps retrouvé*. Paris: Mercure de France, 2021.
- HEILBRON, Johan. Theory of Knowledge and Theory of Science in the Work of Auguste Comte – Note on Comte's Originality. *Revue de Synthèse*, Paris, IV^e série, n. 1, p. 75-89, 1991.
- HEILBRON, Johann. *O nascimento da Sociologia*. São Paulo: USP, 2022.
- LACERDA, Gustavo B. *Comtianas brasileiras*. Ciências Sociais, Brasil e cidadania. Curitiba: Appris, 2018.
- LACERDA, Gustavo B. *O momento comtiano: república e política no pensamento de Augusto Comte*. Curitiba: UFPR, 2019.
- LACROIX, Jean. *A Sociologia de Augusto Comte (o fundador da Sociologia)*. Curitiba: Vila do Príncipe, 2003.

- MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Comte*. Col. “Os grandes cientistas sociais”. 3. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- PAULA LOPES, Rodolfo. *Auguste Comte – Le prolétariat dans la société moderne*. Textes choisis. Paris: Société Positiviste Internationale, 1946.
- ROBINET, Jean-François E. *Notice sur l'oeuvre et sur la vie d'Auguste Comte*. 3. ed. Paris: Dunod, 1891. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2208795>. Acesso em: 19 ago. 2024.
- TEIXEIRA MENDES, Raimundo. *As últimas concepções de Augusto Comte*. Ensaio de complemento ao *Catecismo positivista*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1898.
- TEIXEIRA MENDES, Raimundo. *O ano sem par – abril de 1845 a abril de 1846*. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1900.
- WIKIPEDIA. *Pieter Jean Beckx*. 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pieter_Jean_Beckx. Acesso em: 21.jun.2024.

A N E X O

[*Carta MCLVIII*¹⁴]

Paris, quinta-feira, 15 de Homero de 69 [12 de fevereiro de 1857]

Meu caro discípulo:

Vossa excelente carta do domingo, chegada antes de ontem, satisfiz-me de tal maneira que a li completamente em nossa reunião noturna hebdomadária [da Sociedade Positivista], acrescentando-lhe as explicações naturalmente suscitadas por vossas eminentes reflexões sobre a filosofia médica.

Como, seguindo meu cordial convite, vós copiastes a peça que assim me reenviastes, ela dissipou plenamente vossos nobres escrúpulos anteriores, relativamente à vossa digna confiança da palavra decisiva de minha irmã¹⁵. Mas, ao retornar sobre a regra geral de conduta que se liga a esse caso particular, eu acredito aqui dever um momento lançar vossa atenção, como o fiz ontem em nossa reunião, sobre a importância prática da subordinação habitual dos atos privados às necessidades públicas, muito desconhecida em um tempo em que a anarquia faz ordinariamente prevalecer os impulsos mais vulgares, ainda que ninguém ouse, em princípio, contestar a preponderância normal dos motivos mais sociais. Os verdadeiros crentes sentir-se-ão logo obrigados a fornecer ao sacerdócio as informações pessoais, sem as quais sua influência permaneceria muito incerta. Vós sabeis o quanto o regime católico foi até agora secundado pelos dignos esclarecimentos emanados dos empregados domésticos sobre

¹⁴ A numeração da carta foi estabelecida por Paulo Carneiro e seus colaboradores ao editarem a correspondência completa de Augusto Comte, conforme indicado na “Apresentação”, acima.

Fonte: CARNEIRO, Paulo E. B.; KREMER-MARIETTI, Angèle (Org.). *Auguste Comte – Correspondance générale et confessions*. T. VIII: 1855-1857. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. p. 399-402.

¹⁵ Não conseguimos identificar de que se trata essa referência. Em todo caso, a irmã de Augusto Comte chamava-se Alice (Alix) e morava com os pais em Mompilher.

seus mestres, e mesmo das explicações mútuas de amigos ou parentes. Jamais a polícia política foi assim tão bem feita, sem quase nenhum custo, quanto em 1793, quando, sob o irresistível impulso das necessidades públicas, todos os verdadeiros patriotas cumpriram o dever de declarar aos chefes [políticos] as informações quaisquer que poderiam utilmente esclarecer suas condutas. Ainda que seja sempre necessário premunir-se contra os abusos que comporta um tal hábito, deve-se, entretanto, vê-lo como eminentemente social, o seu desuso não se devendo senão à indiferença pelo interesse geral em consequência da total falta de convicções reais. Além disso, é fácil aos chefes, espirituais ou temporais, distinguir, a esse respeito, os motivos essencialmente pessoais dos impulsos verdadeiramente sociais.

Eu adoto vossas reflexões sobre a comunicação incidental a respeito do sr. De Blignières,¹⁶ que me parece, como a vós, como definitivamente perdido para o Positivismo, que o sr. Foucart¹⁷ já substituiu muito vantajosamente. O jovem capitão de artilharia e seu novo chefe, o sr. Littré,¹⁸ serão igualmente constrangidos de invocar ou de aceitar uma *paternidade* que não puderam nunca gerar. Mas acredito que o verdadeiro motivo das novas predileções do sr. Blignières resulta de seu impulso para as almas desprovidas de energia, em que sua verdadeira ambição espera obter um fácil ascendente e sua insubordinação, uma suficiente satisfação, que ele sentia incompatível com minha autoridade espiritual.

A¹⁹ respeito da principal parte de vossa memorável carta, devo sobretudo esboçar a sistematização direta das reflexões gerais que precedentemente vos indiquei sobre a emancipação científica especialmente instituída, conforme o caso mais decisivo, ainda que sob um modo espontaneamente latente no volume que vós reledes agora²⁰. É necessário perceber diretamente tal emancipação como o complemento normal da evolução fundamental que caracteriza a lei dos três estados. O último estado deve ser, a esse respeito, decomposto em seus dois modos sucessivos, um científico, o outro filosófico, respectivamente analítico e sintético. É somente ao segundo que pertence a qualificação de *definitivo*, inicialmente aplicado confusamente ao seu conjunto. No fundo, a *ciência* propriamente dita é tão preliminar quanto a teologia e a metafísica e deve ser finalmente tanto quanto [elas] eliminada pela religião universal, em relação à qual esses três preâmbulos são um o provisório, o outro, transitório, e o último, preparatório. Eu ousou mesmo recusar às ciências o atributo de plena positividade, que não consiste somente na *realidade* das especulações, mas em sua combinação contínua com a *utilidade*, sempre referida ao Grande Ser²¹ e desde então não podendo nunca ser dignamente apreciada senão conforme a síntese total, vale dizer, subjetiva e

¹⁶ Celestino (Célestin) de Blignières (1823-1905), oficial da Marinha. As indicações biográficas dos positivistas citados foram obtidos na seção “Sociétés Savantes” do portal do Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, especialmente na parte dedicada à Sociedade Positivista (Cf. CTHS 2024).

¹⁷ João-Batista (Jean-Baptiste) Foucart (1823-1898), advogado, poeta e dramaturgo.

¹⁸ Emílio Maximiliano Paulo (Émile Maximilien Paul) Littré (1801-1881), dicionarista.

¹⁹ Aqui se iniciam a publicação do dr. Audiffrent (1880, 56-59) e também a tradução de Teixeira Mendes (1898, 284-285).

²⁰ Supomos que a referência seja à *Síntese subjetiva*, publicada em 1856.

²¹ O “Grande Ser” é a Humanidade, concepção abstrata, mas real, desenvolvida por Augusto Comte em várias obras (Comte 1907; 1929; 1934). Simplificando *ao extremo*, pode-se dizer que a “utilidade referida sempre ao Grande Ser” significa a utilidade definida para o ser humano, em termos relativos, históricos, altruístas e subjetivos.

relativa. Na construção final, o início teológico da preparação humana não tem menos eficácia que seu término científico. Se este fornece os materiais exteriores, a outra esboça as disposições interiores, ao compensar a imaginabilidade²² pela generalidade, cuja ausência interdiz toda verdadeira racionalidade teórica.

Sob um aspecto mais sistemático, a primeira vida [teológica] é sobretudo distinguida no indivíduo, como na espécie, pela vã pesquisa contínua de uma síntese essencialmente *objetiva*, ao passo que a segunda [a positividade] constrói e desenvolve a *síntese* puramente *subjetiva*, de que a outra forneceu espontaneamente os materiais necessários. Mesmo quando a ciência já sentiu a inanidade das *causas* e fez gradualmente prevalecer as *leis*, ela aspira tanto quanto a teologia e a metafísica à objetividade completa, sonhando com a universalidade de explicação exterior segundo uma única lei, não menos absoluta que os deuses e as entidades seguindo a utopia acadêmica. A esse respeito, eu devo ingenuamente estender uma palavra de minha última circular que prolonga esse reproche até a mim mesmo, a respeito da minha obra fundamental²³, em que, não fosse senão a esse título, a posteridade não veria, como eu pude já o dizer nobremente, senão uma construção de estréia, um trabalho de primeira vida, não tendendo para a segunda senão no tomo final, todos os outros permanecendo mais ou menos submetidos ao prestígio científico de que somente o estado plenamente religioso libertou-me²⁴.

Isso me conduz a melhor vos precisar a verdadeira distinção normal entre a teoria e a prática, conforme a melhor apreciação social da divisão fundamental das duas potências, sobretudo relacionada ao modo espontaneamente entrevisto pelo sr. Dunoyer²⁵. No fundo, a teoria e a prática não são claramente separáveis senão no domínio inorgânico; além da Cosmologia, elas permanecem necessariamente misturadas ainda que sempre distintas, como a Álgebra e a Aritmética.

O poder dito teórico *atua* sobre o homem, ao passo que o poder puramente prático modifica a ordem material: tal é sua única diferença social. Na ação industrial, o sacerdócio não influencia senão especulativamente, segundo as leis gerais de que ele mantém-se normalmente o intérprete. Mas para o aperfeiçoamento humano, ele é eminentemente ativo. Seus estudos são então subordinados à sua destinação, seguindo o axioma: *conhecer para melhorar*, que será a segunda epígrafe de meu próximo volume, a primeira sendo o famoso verso de Pope²⁶: *The proper study of mankind is man*²⁷, já escolhido por Cabanis²⁸. Chegada à moral, mesmo a seu início biológico, a concepção positiva torna-se ao mesmo tempo teórica e prática.

²² Augusto Comte usa no original “*imaginariété*”, no sentido de “imaginação”; parece-nos que essa palavra foi empregada no original para ecoar, ou rimar, tanto “*généralité*” (generalidade) quanto “*rationalité*” (racionalidade). Usamos o neologismo “imaginabilidade” a partir da palavra “imaginário”, a fim de seguir a rima de Augusto Comte em nossa tradução.

²³ Referência ao *Sistema de filosofia positiva* (1830-1842).

²⁴ Aqui se encerra o trecho divulgado pelo dr. Audiffrent (1880, 56-59) e, depois, traduzido por Teixeira Mendes (1898, 284-285).

²⁵ Bartolomeu-Carlos-Pedro-José (Barthélemy-Charles-Pierre-Joseph) Dunoyer de Segonzac (1786-1862), economista e filósofo. Dunoyer integra o calendário positivista concreto no dia 23 de Descartes, na semana de David Hume.

²⁶ Alexandre (Alexander) Pope (1688-1744), filósofo e poeta.

²⁷ Em inglês no original: “O estudo próprio da humanidade é o homem”.

²⁸ Pedro-João-Jorge (Pierre-Jean-Georges) Cabanis (1757-1808), zoólogo e filósofo. Cabanis está no calendário positivista concreto como adjunto de Jorge (Georges) Leroy no dia 13 de Descartes, na semana de Bacon.

Pode-se assim conceber historicamente a restrição espontânea do regime puramente científico em seu recinto matemático e cosmológico, fora do qual os médicos, em todos os tempos, desenvolveram disposições essencialmente sintéticas, que devem hoje fornecer o melhor apoio teórico da regeneração universal. Essa concorrência crescente entre os médicos e os cientistas deve logo resultar em tornar uns gradualmente incorporáveis ao sacerdócio positivo, dos quais os outros serão excluídos tanto quanto os teológicos e os metafísicos. Para transformarem-se assim, os médicos não têm agora necessidade senão de tornarem-se plenamente conseqüentes com seu impulso sintético, cessando de aspirar à síntese corporal, independentemente da síntese cerebral, e reconhecendo a inteira indivisibilidade da verdadeira sistematização subjetiva. Nós devemos proximamente esperar esse último progresso do digno desenvolvimento dos médicos completamente positivistas. A carta decisiva à qual acabo de responder confirma-me, após tantas outras igualmente preciosas, na esperança de que vós figurareis no primeiro plano entre os dignos inauguradores desse nova medicina, imediatamente incorporável ao sacerdócio da Humanidade.

Todo seu,
Augusto Comte.

[*Carta MCLXV*²⁹]

Paris, 27 de Aristóteles de 69 [24 de março de 1857]

Meu caro discípulo:

Vossa preciosa carta de antes de ontem veio enfim dissipar nesta manhã a inquietude crescente que o insólito prolongamento de vosso silêncio involuntariamente me inspirara. Essa prova espontânea fizera-me penosamente sentir a realidade de minha recente declaração sobre a composição efetiva de minha verdadeira família objetiva, essencialmente formada, com minha incomparável filha adotiva, pelos meu verdadeiros discípulos, entre os quais vós sois um dos mais queridos.

Após oito dias, eu estava cada vez mais preocupado que uma ferida anatômica, ou qualquer dos acidentes gerais sempre inerentes à nossa existência, tivesse gravemente alterado vossa saúde, sobre a qual eu tivera especialmente testemunhado meus alarmes com o sr. Laffitte³⁰.

A natureza plenamente filosófica de vossa carta assegura-me mais a esse respeito que se tivesse sido feita uma declaração direta. Vejo³¹ que vós apreciastes agora meu novo volume, de maneira a utilizá-lo mais que ninguém. Sua reação geral sobre vossa final emancipação científica é-me sobretudo preciosa como garantindo a integridade de vossas disposições sintéticas e sua eficácia religiosa. Vós dignamente sentistes que a ciência, longe de constituir o

²⁹ Fonte: CARNEIRO, Paulo E. B.; KREMER-MARIETTI, Angèle (Org.). *Auguste Comte – Correspondance générale et confessions*. T. VIII: 1855-1857. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales. p. 412-416.

³⁰ Pedro (Pierre) Laffitte (1823-1903), professor de Matemática e executor-testamenteiro de Augusto Comte.

³¹ Começa aqui o trecho publicado pelo dr. Audiffrent (1880, 59-61); da mesma forma, também começa aqui o trecho da carta traduzido por Teixeira Mendes (Teixeira Mendes 1898, 286).

estado positivo, limita-se a fornecer-lhe, após a teologia e a metafísica, uma última preparação necessária que, como as duas outras, tem seus inconvenientes tanto quanto suas vantagens e torna-se profundamente daninha ao prolongar-se além da medida.

Para caracterizar a *positividade* de nossas concepções, é sempre necessário que sua *realidade* combine-se com sua *utilidade*, a qual não é verdadeiramente julgável senão religiosamente, conforme a relação de cada parte com o conjunto. Sente-se que a ciência seria menos apta que a teologia a constituir um estado fixo, pois o entendimento não poderia jamais tomar como uma verdadeira residência uma simples escada³² unicamente própria a subir ou a descer entre o mundo e o homem, quando nossas necessidades exigem-no, em nada capaz de fornecer-nos um domicílio permanente.

É tempo de os verdadeiros teóricos libertarem-se a esse respeito de uma dominação degradante, a fim de poder-se dignamente estabelecer as grandes noções religiosas contra as quais a ciência em breve se insurgirá com mais animosidade que a teologia e a metafísica, pois ela aspira mais a perpetuar o interregno espiritual³³.

Sem insistir em uma recomendação, que vós profundamente sentistes, eu devo hoje limitar minha carta a duas explicações essenciais, uma privada e penosa, a outra pública e satisfatória. Mas antes vos convido a guardar a cópia anexa, preparada após longo tempo para vós, do plano de minha *Moral positiva*³⁴.

Vós notareis, na segunda parte, que eu faço remontar a educação até a concepção, de maneira a abranger o estado fetal, aperfeiçoando a presidência materna e a influência social que ela transmite.

Basta a cópia anexa do relatório excepcionalmente próprio ao sexto casamento positivista [celebrado] para caracterizar o triste caso doméstico do sr. Foleÿ³⁵. Sua desdenhosa rejeição de todas as escolhas sucessivamente propostas por seu pai não resultaram finalmente senão em fazer-lhe irrevogavelmente adotar, contra o aviso de todos os seus amigos e de mim mesmo, uma união mais lamentável. Em nada superior ao vulgar feminino pelo espírito e pelo caráter, ela [a sra. Foleÿ] é sobretudo inferior pelo coração e não tem nenhum outro mérito real senão uma graciosidade banal, que possuem, na França, quase todas as mulheres que não são bonitas: eis minha opinião definitiva após, conforme o meu costume, ter sido favoravelmente disposto até a primeira prova definitiva. Proveniente de um pai estúpido e anárquico, essa jovem dama crê e *dis* que a vida não tem nunca necessidade de ser sistematicamente regulada e que o sentimento basta para conduzir-nos.

³² No original: *échelle*. Em francês há uma importante ambiguidade nela, que Augusto Comte emprega aqui, na medida em que essa palavra pode ser traduzida tanto por “escada” quanto por “escala”.

³³ O trecho desta carta que foi traduzido por Teixeira Mendes (1898, 286) encerra-se aqui. A publicação do dr. Audiffrent (1880), por seu turno, sofre uma interrupção nesse ponto.

³⁴ A *Moral positiva* corresponderia aos volumes II (*Moral teórica*) e III (*Moral prática*) da *Síntese subjetiva*, programados para serem escritos e publicados em 1859; em 1860 Augusto Comte planejava redigir e publicar o v. IV dessa série de escritos, dedicado à indústria positiva. Entretanto, apenas o v. I foi publicado em 1856, dedicado à filosofia matemática.

³⁵ Antônio Eduardo (Antoine Edouard) Foleÿ (1820-1901), oficial da Marinha, médico e escritor. A esposa referida adiante chamava-se Sara Leontina (Sara Léontine) Jullien (1834-1904); o casamento ocorreu em 13 de setembro de 1856 e, como indicado por A. Comte, tratou-se de uma cerimônia religiosa positivista.

A reação normal de uma tal educação e o desgosto inspirado pelo espetáculo doméstico do estado revolucionário tê-la-iam espontaneamente conduzido para o misticismo católico se sua natureza fosse verdadeiramente terna. Após ter, em concerto com sua família, simulado tendências positivistas para fazer-se esposar, ela, depois do casamento, desenvolveu as repugnâncias quase insuperáveis que a religião universal deve cada vez mais inspirar aos negativistas, sobretudo no sexo em que o ceticismo torna-se u'a monstruosidade, mesmo na França. Desdenhando de prolongar a comédia do preâmbulo para além de seu próprio interesse, ela finalmente frustrou seu marido na primeira prova que todo o mundo naturalmente esperava dela.

Tal é a enorme falta irrevogavelmente cometida pelo meu eminente e infeliz discípulo, sem nenhuma experiência amorosa, sob o único impulso de uma delicadeza exagerada, que fez crer-se comprometido quando ele não o estava em nada. Isso o reduziu a assumir um fardo talvez insuportável, no laço que devia fornecer-lhe um apoio para seu desenvolvimento afetivo. É necessário que ele assuma doravante o ofício feminino, a fim de excitar a ternura em uma alma seca e fria, além de desprovida de força e de razão. Ele nobremente aceitou essa fatalidade, pela resolução que ele está prestes a executar, de estabelecer-se na província, a fim de subtrair sua deplorável enferma ao contato contínuo com uma família radicalmente revolucionária. Qualquer que seja seu lamento de deixar Paris, em que seu pequeno capital permitia-lhe esperar em alguns anos uma clientela médica que provavelmente não viria, ele instalar-se-á na semana que vem em Mantes³⁶, ao aproveitar uma ocasião favorável. Sua partida faz-me sentir de novo, ainda que plenamente motivada, a íntima solidariedade testemunhada no começo desta carta. Além de meus lamentos privados, devo aqui deplorar, como a respeito do sr. Robinet³⁷, a funesta dispersão de nosso centro positivista em que nós teríamos tanta necessidade de concentração.

Um tal evento já me conduziu a dois aperfeiçoamentos conexos na prática de nosso quinto sacramento³⁸. Em primeiro lugar, eu farei declarar a religião desde o preâmbulo³⁹, em vez de esperar a celebração. Daí eu recusarei o casamento quando a futura [esposa] não tiver religião confessa, católica, protestante, muçulmana ou judaica, salvo nos casos ulteriores de politeísmo ou fetichismo.

O escândalo recentemente ocorrido não poderá mais se reproduzir e nós teremos dado, mesmo para os católicos, o exemplo de pôr fora da lei do casamento religioso as famílias radicalmente revolucionárias, que não devem aliar-se senão entre elas e municipalmente⁴⁰. É verdadeiramente notável que, desde o seu começo, a religião positiva mostra-se mais escrupulosa que

³⁶ Mantes – na verdade, Mantes-la-Ville – é uma comuna no departamento de Yvelines, na região da Île-de-France, que se situa a 52 km a Oeste de Paris.

³⁷ João-Francisco Eugênio (Jean-François Eugène) Robinet (1825-1899), médico, historiador e político; foi o médico pessoal de Augusto Comte e um de seus executores-testamenteiros.

³⁸ Entre as instituições religiosas positivas propostas por Augusto Comte estavam os nove sacramentos, que constituem verdadeiros ritos de passagem, ou seja, que marcam as diversas fases da vida e que vinculam entre si os seus aspectos privados e públicos. Os sacramentos são os seguintes: apresentação, iniciação, admissão, destinação, casamento, madureza, retiro, transformação e incorporação (cf. Comte 1934, 119, 129-130). O quinto sacramento referido na carta acima corresponde, portanto, ao casamento.

³⁹ Ou seja, desde quando o casamento é anunciado publicamente.

⁴⁰ Ou seja, apenas no âmbito do casamento civil.

qualquer outra, seguindo nossa máxima fundamental: *O homem torna-se cada vez mais religioso.*

Essa⁴¹ dolorosa explicação interdiz-me de estender-me tanto quanto eu gostaria hoje sobre minha segunda comunicação, relativa à memorável embaixada do sr. Sabatier⁴² junto ao chefe inaciano, realizada em Roma em 1º de Aristóteles [25 de fevereiro].

Meu eminente enviado recentemente me transmitiu, a esse respeito, uma admirável relação, integralmente lida na Sociedade Positivista em 11 de março e publicada ulteriormente no prefácio de meu *Apelo aos inacianos*⁴³.

Atuando mais como missionário que como embaixador, como o devem ser os órgãos, mesmo temporais, do Positivismo, ele nobremente preparou sua missão especial por uma incomparável carta geral, de que ele transmitiu-me uma cópia literal, sobre a doutrina em nome da qual ele fala ao chefe dos jesuítas. Ela caracterizou-a sobretudo como estabelecendo *a dignidade na submissão, a felicidade na obediência e a liberdade no devotamento*. Mas tudo isso em nada demoveu, ao menos em aparência, seu interlocutor, que não era o próprio Geral, mas seu encarregado de negócios franceses, o Padre Robillon, especialmente designado pelo sr. Bex⁴⁴ para essa conferência excepcional, assim mantida preliminar até o presente.

Ainda incapaz de tornar-se um verdadeiro inaciano, o que apenas o Positivismo poderá inspirar-lhe sob a pressão dos acontecimentos, o chefe jesuíta ingenuamente abdicou de toda verdadeira pretensão ao poder espiritual por esta declaração reiterada: “Nós somos pobres religiosos, estrangeiros à política. Não podemos aceitar nenhuma liga que não tenha por objeto direto o triunfo do nome de Jesus. Nós sabemos que a ordem européia pode ser gravemente perturbada, mas não podemos fazer nada, exceto de fazer-nos massacrar em nome de Jesus. Sejamos amigos, mas atuando cada um de nosso lado”.

Vós vereis que o Positivismo é doravante desprovido de toda concorrência real na reorganização intelectual e moral do Ocidente. Meu eminente órgão⁴⁵ fez involuntariamente sentir aos jesuítas, a partir esse primeiro contato oficial das duas únicas igrejas orgânicas, a superioridade não somente intelectual, mas sobretudo moral da nova fé, quanto à generosidade dos sentimentos, à abnegação da conduta e mesmo à polidez das maneiras. Ao mesmo tempo nada é mais próprio que uma tal prova para manifestar a admirável plenitude da conversão positivista de um jovem apóstolo que, três anos atrás, estava em estado o mais revolucionário.

⁴¹ Aqui recomença a transcrição da carta pelo dr. Audiffrent (1880, 60-61); essa transcrição vai até o final do documento, com a assinatura de Augusto Comte.

⁴² João Tiago Leopoldo Alfredo (Jean Jacques Léopold Alfred) Sabatier (1823-1874), professor de ciências.

⁴³ Conforme carta de Augusto Comte a Alfred Sabatier datada de 9 de Aristóteles de 69 (6.3.1857) (cf. Carneiro & Kremer-Marietti 1990, 411), esse *Apelo aos inacianos* (*Appel aux ignaciens*) seria escrito e publicado em 1863.

⁴⁴ Referência ao belga Pedro João (Pieter Jean) Beckx (1795-1887), que ocupava o cargo de Superior Geral dos Jesuítas quando essa carta foi escrita e foi realizada a missão positivista junto à Companhia de Jesus. Embora o nome “Beckx” corresponda à grafia oficial desse nome (cf. Wikipédia 2024), ela é da parte flamenga da Bélgica, de tal sorte que provavelmente a forma “Bex”, empregada por Augusto Comte, devia corresponder à grafia valã (ou seja, francesa) do nome.

⁴⁵ Referência à missão de Alfredo Sabatier.

Minha resposta imediata, felicitando o sr. Sabatier, desviou-o especialmente de toda nova tentativa atual, a menos que o chefe jesuíta faça qualquer diligência em relação a ele; o que me parece pouco provável, ainda que a proposição formal não tenha sido ainda enunciada. Eu apenas enviei pelo correio, pelo sr. Sabatier, para o sr. Bex, o *Catecismo positivista* e o *Apelo aos conservadores*, com a minha *Oitava circular*⁴⁶. Veremos se esse envio suscita novos contatos.

Todo seu,
Augusto Comte.

P. S. : *Quando escreverdes ao sr. Hadery*⁴⁷,
peço-lhe que comunique as duas novas,
privada e pública, explicadas nesta carta.

Augusto Comte

Ensaio recebido em 04/08/24 • Aceito em 07/11/24
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado

⁴⁶ O *Apelo aos conservadores* (*Appel aux conservateurs*) é um opúsculo que foi escrito e publicado em 1855; já a oitava circular anual é de 15 de Moisés de 69 (15 de janeiro de 1857).

⁴⁷ Augusto Henrique Dênis (Auguste Henri Denis) Hadery (1818-1884), engenheiro e agricultor.